

CONSUMO E POSSES NO DESENVOLVIMENTO DO SELF DE TRAVESTIS E MULHERES TRANS: UM ESTUDO COMPREENSIVO

Autoria

Vívian Silva Lima Marangoni - vivislina@hotmail.com

Prog de Pós-Grad em Admin/Faculdade de Economia, Admin e Contab – PPGA/FEA / USP - Universidade de São Paulo

Andres Rodriguez Veloso - veloso@usp.br

Prog de Pós-Grad em Admin/Faculdade de Economia, Admin e Contab – PPGA/FEA / USP - Universidade de São Paulo

Sofia Batista Ferraz - sofiasbf@gmail.com

Departamento de Marketing / FGV/EAESP - Fundação Getulio Vargas - Escola de Administração de Empresas de São Paulo

Curso de Administração / ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo - Associação Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

O objetivo deste estudo é investigar o consumo e as posses no processo da afirmação de gênero em travestis e mulheres trans, com base nas Estratégias do Self Estendido apresentadas no Modelo de Ruvio e Belk (2018). Apresenta-se o argumento de que cada uma das quatro estratégias do modelo possui itens regulares de consumo e posses. Participaram da pesquisa 18 mulheres trans, 6 travestis e 1 pessoa transfeminina não-binária, perfazendo um total de 25 participantes. Como estratégia de coleta de dados foram utilizadas entrevistas em profundidade e a técnica projetiva Estória-Desenho por Tema. A análise foi realizada por meio de análise de conteúdo. Os principais achados apontam para a extraordinária e secreta utilização de brinquedos na estratégia do self invertido; recorrência de itens gendrados na estratégia de extensão paralela do self; relevância de objetos de consumo e posses associados às pessoas que compõem a rede de apoio na utilização da estratégia do self desejado; e, na estratégia da metamorfose do self central, uso de elementos de consumo e posses de natureza simbólica marcadamente associada à luta pela existência do self desejado.

CONSUMO E POSSES NO DESENVOLVIMENTO DO *SELF* DE TRAVESTIS E MULHERES TRANS: UM ESTUDO COMPREENSIVO

RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar o consumo e as posses no processo da afirmação de gênero em travestis e mulheres trans, com base nas Estratégias do *Self* Estendido apresentadas no Modelo de Ruvio e Belk (2018). Apresenta-se o argumento de que cada uma das quatro estratégias do modelo possui itens regulares de consumo e posses. Participaram da pesquisa 18 mulheres trans, 6 travestis e 1 pessoa transfeminina não-binária, perfazendo um total de 25 participantes. Como estratégia de coleta de dados foram utilizadas entrevistas em profundidade e a técnica projetiva Estória-Desenho por Tema. A análise foi realizada por meio de análise de conteúdo. Os principais achados apontam para a extraordinária e secreta utilização de brinquedos na estratégia do *self* invertido; recorrência de itens gendrados na estratégia de extensão paralela do *self*; relevância de objetos de consumo e posses associados às pessoas que compõem a rede de apoio na utilização da estratégia do *self* desejado; e, na estratégia da metamorfose do *self* central, uso de elementos de consumo e posses de natureza simbólica marcadamente associada à luta pela existência do *self* desejado.

Palavras-Chave: Afirmação de Gênero. Transgênero. Self Estendido. Técnica Estória-Desenho.

1 INTRODUÇÃO

É menino ou menina? Uma resposta e o verbo – ou melhor, o gênero – se faz carne. E a partir daí são definidos nome, cores, enxoval. São um sem-número de itens, produtos, objetos e artigos escolhidos pela família e consumidos pela criança a partir de padrões culturais e sociais vigentes. A lógica binária de gênero e o cissexismo que subordina as características psicossociais às sexuais e biológicas são dois desses padrões, de forma que a partir da observação de características biológicas da criança e fundadas na resposta primordial “é menino”, roupas e brinquedos – artefatos culturais – farão parte do mundo da criança e, progressivamente, serão assimilados como parte do seu *self* (Scott, 1990; Belk, 1988; Jesus, 2013).

O *self* é a instância integradora daquilo que as pessoas podem chamar de “seu” (William James, 1890,1990). Sendo assim, o consumo ocupa um lugar privilegiado no desenvolvimento do *self*. Belk (1988, 2013) teoriza um *self* formado por duas instâncias: um *self* central e ilusório que se mantém mais ou menos congruente durante a vida e um *self* estendido projetado para o mundo por meio de posses e rituais de consumo. Entre as posses estão incluídas pessoas, lugares, objetos materiais e imateriais, além de artefatos digitais (Belk, 1988, 2013).

A teoria do *self* estendido vem sendo aplicada em contextos de cultura e consumo. Pode-se elencar entre as pesquisas, as que tratam do desenvolvimento do *self* no mundo digital (Schweitzer, Belk, Jordan, & Ortner, 2019; Mardon & Belk, 2018), as pesquisas que buscam compreender a relação entre bem-estar e posses (Hollebeek & Belk, 2021; Rogers & Hart, 2021), e aquelas que se propõem a refletir sobre a reorganização do *self* por meio de mudanças corporais estéticas (Song, Gonzalez-Jimenes, & Belk, 2021; Roux & Belk, 2019). Todavia, há escassos estudos que tratam do consumo em desenvolvimentos conflituosos do *self* quando há disparidades entre o desejo do *self* central e sua extensão. E isso é particularmente raro quando se trata do consumo de pessoas trans¹.

O estudo de Rocha et al. (2021) buscou compreender a experiência de consumidores/as trans na compra de roupas íntimas. Os/as autores/as observaram que a experiência de compra apresenta pontos positivos e negativos. Entre eles, destacaram: mercado pouco continente às necessidades de consumidores trans, a indisponibilidade de

produtos e altos preços. Ferreira e Pereira (2020) analisaram como o estigma afeta o consumo de mulheres transexuais durante o processo de afirmação de gênero. Os/as autores/as encontraram que o estigma molda práticas de consumo, ora reforçando estereótipos de gênero, ora promovendo micro resistências de consumo, levando as participantes a negociar entre os universos masculino e feminino. Em um estudo anterior, Ferreira e Pereira (2019) buscaram compreender a maneira como ocorre o consumo de mulheres transexuais no processo de afirmação de gênero e encontraram o consumo liminar como redutor de conflitos internos e negociador de identidades.

Embora os estudos mencionados façam referência à teoria do *self* estendido, foi nos estudos de Ruvio e Belk (2018) que não só a teoria foi aplicada, como o modelo foi adaptado para compreender o desenvolvimento de *selves* conflitantes, como de pessoas trans. Os autores propõem um modelo com quatro estratégias atribuída à evolução do *self*, envolvendo o processo de abandono de uma identidade indesejada (identidade cisgêneras) e o apoderamento de identidades desejadas (trans). As quatro estratégias são: extensão do *self* invertido, extensão paralela do *self*, extensão do *self* desejado e metamorfose do *self* central.

Com base no modelo de estratégias utilizadas no desenvolvimento de *selves* em conflito (Ruvio & Belk, 2018), este estudo tem como objetivo investigar o consumo e as posses no processo da afirmação de gênero em travestis e mulheres trans em cada uma das quatro estratégias de desenvolvimento do *self*. Pretende-se apresentar o argumento, construído na intersecção entre o modelo de *self* de Ruvio e Belk (2018) e a dados coletados por meio de entrevistas em profundidades e Desenho-História, com o intuito de elucidar itens regulares de consumo e posses.

Inicialmente, será apresentada uma contextualização da condição de travestis e mulheres trans no Brasil, seguida pelo percurso metodológico e os cuidados éticos da pesquisa. Na sequência, serão explanadas a Teoria do *Self* Estendido (Belk, 1988, 2013) e a contribuição proposta por Ruvio e Belk (2018), discutindo os dados encontrados no relato e desenhos das entrevistas com base nas quatro estratégias do *self* estendido.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO: CONDIÇÕES DE TRAVESTIS E MULHERES TRANS NO BRASIL

Um estudo recente aponta que 2% da população brasileira é formada por pessoas com diversidade de gênero, o que equivale a aproximadamente 3 milhões de pessoas.

Desses 2%, 0,69% são compostos por pessoas trans e 1,19% por pessoas não binárias. No universo de pessoas trans, 40% delas já possuem ou desejam ter características corporais pertencentes ao gênero que se identificam. Com relação aos 60% restantes, os autores apontam que não fica claro se essa indisposição para intervenção física está relacionada à conformidade e satisfação que transcende o aspecto físico e/ou ao medo do estigma e do preconceito (Spizzirri et al., 2021).

Em termos panorâmicos, o Brasil é o país que mais mata travestis e mulheres trans, no mundo (Benevides & Nogueira, 2021). A herança colonial marcada pela lógica binária de gênero que patologiza existências que fogem a esse enquadre, culmina no que Jesus (2013) chamou de cissexismo. Para a autora, cissexismo refere-se a uma ideologia fundamentada na crença estereotipada de que características biológicas e sexuais são correspondentes a características psicossociais relacionadas ao gênero. E, assim, a partir de dispositivos legais e culturais, é negada a liberdade de autoexpressão de gênero e subordina as pessoas – cisgêneras e transgêneras – ao sexo que lhes atribuíram ao nascer (Jesus, 2012, 2013). Assim, somada a cultura patriarcal que desvaloriza o feminino, e agravada por aspectos interseccionais (étnicos e sociais), a ideologia cissexista contribui para que o Brasil seja um ambiente violento e adoecedor para travestis e mulheres trans brasileiras.

Em um contexto tão aversivo, qual papel das posses no desenvolvimento do *self*, uma vez que transformações corporais e o uso de artigos femininos podem ser fatores de risco para a segurança e saúde de travestis e mulheres trans no Brasil? Como o consumo e posses podem auxiliar na resolução de conflitos decorrentes dos desejos do *self* e impedimentos sociais e culturais para assumir uma identidade desejável? Para tentar responder a esses questionamentos, apresentar-se-á na próxima seção, a teoria do *self* estendido e o percurso metodológico utilizado.

3 O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* E A TEORIA DO *SELF* ESTENDIDO

Há diversas teorias psicológicas que buscam conceituar e explicar o desenvolvimento do *self*. Neste estudo, apoiaremos nossa discussão no conceito de *self* de William James (1890,1990) como instância integradora daquilo que as pessoas podem chamar de “seu”. Aqui estão incluídos o corpo, domínios psíquicos, vínculos interpessoais, ancestrais e posses materiais, como roupas e a casa. O *self* em James é constituído por instâncias individuais e sociais, de natureza processual (e não meramente

estrutural) e com fronteiras fluidas entre o mundo interno e externo (Macedo & Silveira, 2012).

Nessa perspectiva, “ao ter, eu sou”. Na cultura organizada a partir da lógica binária de gênero, às pessoas são prescritos papéis, funções e performatividades ancorados nas características biológicas - cromossômicas, gonadais e genitais (Scott, 1990; Butler, 2003; Jesus, 2012). Se uma criança tem pênis, usa azul e tem um carrinho, isso comunica que é menino. Assim, o desenvolvimento do *self* é afetado pelos caracteres biológicos e sexuais, pela definição cultural de gênero e, também, pelas posses a ele subjacentes.

Com base no conceito de *self* de James, a teoria original do *Self* Estendido foi postulada. Belk (1988) afirmou que “consciente ou inconscientemente, intencionalmente ou não, consideramos nossas posses como parte de nós mesmos” (p. 139). Para ele, o *self* é formado por duas instâncias: um ilusório *self* central e o *self* estendido, projetado para o mundo por meio de posses e rituais de consumo. Assim, por meio das posses, as pessoas são capazes de moldar e reconciliar aspectos internos e externos, e criarem uma apresentação desejável de *self*. Fazem parte do *self*, portanto, processos, ideias, experiências, pessoas, lugares e coisas que são capazes de fornecer aos/às outros/as pistas sobre a identidade do/a possuidor/a, mas também oferecem marcadores de memórias que não só resgatam lembranças de fatos, mas que podem suscitar emoções.

Em 2013, a Teoria de Belk passou por uma revisão que buscou revitalizar o conceito e incorporar os impactos do mundo tecnológico e digital para o desenvolvimento identitário. O autor conclui, por meio dos processos de desmaterialização, reincorporação, compartilhamento, co-construção de si e memórias distribuídas, que as construções do *self* ocorridas nas dimensões *on-line* são transferidas para o desenvolvimento *off-line* do *self*, de forma que personas *on* e *off-line* se relacionam e se transformam continuamente. Ele exemplifica esse processo, com pesquisas que apontam que pessoas assumiram novas identidades de gênero depois de fazê-lo *online* pela primeira vez. No mundo digital, o *self* é estendido em avatares com os quais as pessoas se identificam, e que podem afetar tanto o comportamento *off-line*, quanto o senso de identidade.

Assim, seja por meio de bens materiais ou virtuais, a identidade externa e o senso interno de *self* são construções sujeitas a constantes transformações (Belk, 2013). Em outras palavras, o *self* da teoria de Belk é uma instância borrada, sem fronteiras delimitadas, inacabada e em constante retroalimentação com o mundo externo,

corporificado em um ilusório *self* real e sua extensão que, ao se projetar no mundo, por meio das posses, identifica e contextualiza seu/sua possuidor/a.

Mas, o que dizer em circunstâncias de conflito entre o ilusório *self* real e desejável e sua extensão, como ocorre com pessoas trans? Na Teoria de Belk (1988, 2013) o *self* central e sua extensão, ao longo do desenvolvimento, sofrem flexões e modificações, com o uso de estratégias para manter certa coerência do *self*. No entanto, Ruvio e Belk (2018) consideram que a Teoria do *Self* Estendido falhou ao explicar como o *self* estendido evolui em situações de conflito. Por isso, os autores propuseram quatro estratégias de extensão do *self* que pessoas usam para tentar enfrentar e resolver conflitos de identidades, sumarizadas no quadro 2.

Quadro 1 - O papel das posses e da validação do *self* na criação de estratégias do *self* estendido

Estratégias do <i>self</i> estendido	O papel das posses	Fonte de validação do <i>self</i>
Extensão do <i>self</i> invertido	Extensão e adereços de um <i>self</i> indesejado	Validação social externa do <i>self</i> indesejado
Extensão Paralela do <i>Self</i>	Extensão de um <i>self</i> indesejado e suportes para um <i>self</i> desejado. Criação de limites entre <i>selves</i> não relacionados.	Validação social externa do <i>self</i> indesejado e validação interna do <i>self</i> desejado.
Extensão do <i>self</i> desejado	Extensão e suportes de um <i>self</i> desejado, mas ainda não alcançado.	Validação social externa do <i>self</i> desejado.
Metamorfose do <i>self</i> central	Extensão e suportes de um <i>self</i> desejado alcançado.	Validação interna e externa do <i>self</i> desejado.

Fonte: adaptado de Ruvio e Belk (2018).

As estratégias do *self* são maneiras aplicadas por pessoas em conflito de identidade, no processo de afirmação de gênero. Já muito cedo, pessoas trans falam de um estranhamento em ocupar um corpo errado. Progressivamente, há uma organização desse senso de identidade, mas a falta de autenticação externa torna o processo de metamorfose do *self* central complexo. Antes que o processo de afirmação de gênero avance, há estratégias intermediárias para lidar com o conflito. Os dados deste estudo serão apresentados e discutidos à luz de cada uma dessas estratégias, o que permitirá mostrar novas contribuições para o modelo de Ruvio e Belk (2018).

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na capital do estado do Amazonas, Manaus. Participaram do estudo 18 mulheres trans, 6 travestis e 1 pessoa transfeminina não-binária. Por ocasião da pandemia de COVID-19, a pesquisa foi projetada de forma que houvesse uma alternativa metodológica durante as medidas restritivas, estabelecendo um campo presencial de recrutamento, ocorrido em uma unidade de saúde especializada no processo de afirmação de gênero (processo transexualizador), e outro virtual, por meio de redes sociais. Todavia, o apoio da assistente de pesquisa que se identifica como mulher trans foi fundamental para que quase a totalidade das participantes fossem rapidamente acessadas na unidade de saúde. Assim, 24 participantes foram identificadas no serviço especializado no processo transexualizador, do Sistema Único de Saúde (SUS), e apenas uma foi convidada por meio de redes sociais. As idades variaram entre 23 e 49 anos. Com relação à escolaridade, 6 estudaram até o ensino fundamental, 11 até o ensino médio, 6 possuem ensino superior ou cursando, 1 está cursando mestrado e 1 é doutora, conforme elucidado no Quadro 2:

Quadro 2 - Participantes da Pesquisa

ID	Idade	Gênero	Profissão	Escolaridade	Raça/Etnia
P1	27	Mulher Transexual	Educadora social	Ensino Médio	Parda
P2	25	Mulher Transexual	Trabalhadora sexual	Ensino Fundamental	Parda
P3	39	Mulher Transexual	Cozinheira	Ensino Superior	Negra
P4	42	Travesti	Doméstica e Trabalhadora sexual	Ensino Fundamental	Parda
P5	34	Travesti	Trabalhadora sexual	Ensino Médio	Parda
P6	26	Mulher Transexual	Maquiadora	Ensino Médio	Parda
P7	37	Mulher Transexual	Atendente	Ensino Fundamental	Parda
P8	43	Mulher Transexual	Desempregada	Ensino Fundamental	Parda
P9	33	Travesti	Podóloga	Ensino Superior	Parda
P10	46	Mulher Transexual	Autônoma	Ensino Médio	Negra
P11	31	Mulher Transexual	Trabalhadora sexual	Ensino Médio	Parda
P12	34	Mulher Transexual	Médica	Pós-graduada	Parda
P13	29	Não binária	Paleontóloga	Doutora	Branca
P14	23	Mulher Transexual	Universitária	Ensino Superior cursando	Parda
P15	42	Mulher Transexual	Trabalhadora sexual	Ensino Médio	Negra
P16	35	Mulher Transexual	Trabalhadora sexual do sexo e cabelereira	Ensino Médio	Indígena
P17	49	Mulher Transexual	Cabelereira	Ensino Médio	Parda

P18	31	Mulher Transexual	Cabelereira	Ensino Médio	Parda
P19	36	Mulher Transexual	Trabalhadora sexual	Ensino Médio	Branca
P20	30	Mulher Transexual	Universitária	Ensino Superior cursando	Parda
P21	41	Mulher Transexual	Trabalhadora sexual	Ensino Fundamental	Parda
P22	25	Mulher Transexual	Cartomante	Ensino Superior cursando	Branca
P23	33	Travesti	Cabelereira	Ensino Médio	Branca
P24	42	Travesti	Diarista	Ensino Fundamental	Parda
P25	35	Travesti	Cabelereira	Ensino Superior	Negra

Antes do início da coleta, as participantes foram convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e lhes foram explicados os objetivos da pesquisa e a garantia de sigilo e voluntariedade. A pesquisadora se colocou à disposição para escuta psicológica, caso a pesquisa suscitasse conteúdos íntimos e mobilizadores de sofrimento. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em abril de 2021, conforme Parecer no. 4.674.677.

A fim de compreender o papel do consumo e das posses no desenvolvimento do *self* em travestis e mulheres trans foram utilizados, neste estudo, dois métodos qualitativos: entrevistas em profundidade e a técnica projetiva do desenho-estória com tema. O roteiro de entrevista em profundidade envolveu perguntas disparadoras amplas, com desdobramentos ao longo da entrevista. Inicialmente, foi solicitado às participantes que falassem sobre suas histórias de vida e, em seguida, que relatassem o processo de afirmação de gênero, idade, circunstâncias, reação da família e consequências internas e externas dessa percepção. Ao final da entrevista, foi iniciada a segunda etapa da pesquisa, com o uso do método projetivo Desenho-Estória com Tema.

O Desenho-Estória com Tema é uma técnica projetiva que foi derivada de um método de psicodiagnóstico denominado Desenho-Estórias (D-E). Na versão original da técnica, é solicitada ao/à examinando/a a produção de um desenho livre e uma estória relacionada ao desenho. Na etapa seguinte, o examinador faz perguntas esclarecedoras, conhecida como fase de inquérito. Na versão D-E com tema, o desenho e a estória são construídos com base no tema proposto pelo examinador de maneira explícita. A técnica pode ser aplicada individual ou coletivamente. Neste estudo, utilizou-se a versão temática da técnica e a aplicação foi individual (Trinca, 2020).

Na segunda etapa do encontro, as participantes receberam o material para construir os desenhos, incluindo a folha padrão com a delimitação retangular do espaço

de desenho, lápis, borracha, lápis de cor, canetinhas hidrocor, colas coloridas e com *glitter*. Em seguida, foram convidadas a construir seu autorretrato e solicitadas que incluísse, no desenho, itens que fizeram parte do processo de afirmação de gênero. Na fase da estória, foi solicitado que elas apresentassem seus desenhos e que relatassem o surgimento de cada item, em ordem cronológica. Ao final, foi pedido que, entre os artigos desenhados, fosse indicado o mais significativo na afirmação de gênero. Todas as participantes foram colaborativas nas fases da aplicação da técnica, e duas se emocionaram com a rara oportunidade de desenhar e usar lápis de cor (*sic*). Embora, haja o receio da aplicação de desenhos em público adulto, o uso da técnica projetiva, D-E com tema, mostrou ser uma técnica eficaz para a compreensão sobre como as participantes representam sua condição. Além disso, o desenho tem sido apontado por importantes teóricos da psicologia como um método valioso para acessar conteúdos internos e aspectos do *self* (Winicott, 1983; Vigotski, Luria, & Leontiev, 1998; Jung, 2011).

Os encontros para coleta de dados tiveram duração aproximada de 60 minutos, realizados nos meses de abril a maio de 2021. Vinte e quatro encontros ocorreram na modalidade presencial, e apenas a participante convidada por rede social foi entrevistada de forma *on-line*, por meio do aplicativo *Google Meet*. Todas as entrevistas foram gravadas digitalmente e geraram 23 horas de gravação e 301 páginas de transcrição e 24 desenhos incluídos na análise.

A análise de dados incluiu duas etapas. Na primeira, foi aplicada técnica de análise de conteúdo, em que as falas e o conteúdo projetivo dos desenhos foram analisados de maneira concomitante. O intuito foi acessar um sentido para o conjunto de informações disponíveis, tomando aquilo que é relevante e significativo da personalidade a partir da consideração dos aspectos intrapsíquicos, interfamiliares e socioculturais para identificação de pontos nodais (Tardivo, 2008).

5 RESULTADOS

5.1 Características gerais

Ao todo foram realizados 25 desenhos, porém um deles foi descartado (P18) em virtude da impossibilidade de compreensão do sentido dado ao mesmo a partir da metodologia empregada e do objetivo pretendido na pesquisa. Entre os itens relacionados ao processo de afirmação de gênero foram identificados cinco grupos de itens: 1) artigos

culturalmente relacionados ao universo feminino, como bonecas, roupas, itens de maquiagem, joias, sapatos de salto alto e bolsas; 2) produtos utilizados na transformação corporal, tais como hormônios, silicone industrial, próteses e bisturi; 3) Itens de reconhecimento subjetivo, como espelho, itens religiosos, livros e presentes; 4) um grupo de desenhos que agrega espaços como a casa e a rua, pessoas e o trabalho com sexo; 5) No último grupo, foram identificados itens com significado simbólico de dor, luta e transformação.

A apreciação prévia das imagens também possibilitou a identificação de elementos do desenho que apareceram com regularidade e frequência, facilitando uma organização preliminar de categorias interseccionadas contendo: a) linhas e formas rudimentares ou grafismo mais elaborado; b) conflito nas representações da região pélvica, sendo comum a presença de correções, formas rudimentares, ausência de traços ou negação da região; c) predominância de conteúdos relacionados a elementos e objetos concretos ou a símbolos e afetos; d) presença ou ausência de pessoas traçadas; e) uso em menor ou maior grau de cores e brilho para ilustrar a imagem e; f) presença ou ausência de rasuras.

Observadas as regularidades de itens relacionados ao processo de afirmação de gênero e aos elementos do desenho, foram compreendidos os sentidos emergidos da relação entre as imagens e as falas sobre o consumo e as posses. Após essa etapa, realizou-se a aproximação entre os sentidos capturados e o modelo das quatro estratégias de Ruvio e Belk (2018), conforme disposto a seguir.

5.2 Extensão do *Self* invertido

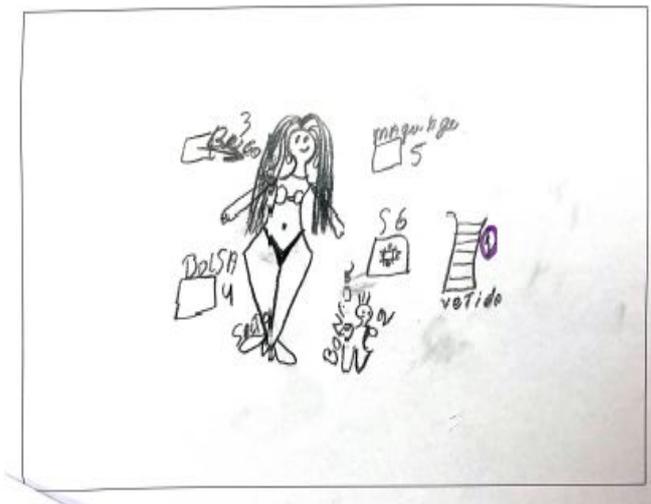
A primeira estratégia “extensão do *self* invertido” é usada como a resposta inicial mais comum entre pessoas trans, momento em que as posses refletem um “eu não-eu”. Para se adequarem ao que é esperado para o gênero, as pessoas tendem a negar a apresentação real do *self* e assumir a identidade indesejada, performando de acordo com a configuração física.

Nesta pesquisa não foram encontradas participantes cujos sentidos denotassem o uso da estratégia no momento de realização da entrevista. A hipótese para essa ausência é que o convite para participação da pesquisa foi realizado dentro de uma unidade de saúde especializada no processo de afirmação de gênero, o que pode ter restringido o surgimento de pessoas que ainda não externalizem o *self* desejado. Entretanto, várias

participantes narraram ter feito uso da estratégia em algum momento anterior de sua história de vida, como infância ou adolescência.

Em tais narrativas de história pessoal a boneca apareceu como principal elemento de consumo associado à autenticação interna do *self* desejado na infância. Nesse sentido, tanto o uso do brinquedo como instrumento marcador de gênero quanto o exercício do brincar emergiram na imagem e nas narrativas como atesto do gênero feminino autodeclarado. No desenho da P8 a boneca aparece como um dos principais itens do processo de afirmação de gênero. Nas falas de P3 e P12 a boneca é descrita como item central de uma memória da infância relacionada à existência do *self* desejado.

Figura 1 - Desenho P8



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P8.

Desde pequena eu tinha vontade de brincar de boneca. Minha mãe me dava carrinho, todo dia eu era forçada a usar porque naquela época, naquele tempo, até hoje né, o preconceito é forte. . . . Vou desenhar uma boneca, a boneca da minha irmã. Uma vez eu joguei um carrinho, quebrei o carro todo que a mamãe me deu. (P3, R1).

E aí eu lembro que estava brincando com uma boneca de pano, com cabelo lilás, e aí numa sala de jardim de infância as crianças todas pirando, e interagindo, e enfim... sendo crianças. E eu estava sozinha no canto da sala, brincando. Aquilo era uma maravilha, porque eu podia ter acesso a esses brinquedos sem ninguém exatamente ir me encher o saco. E aí quando eu olhei pra porta, a professora estava explicando pro meu pai . . . perguntei se eu podia levar a boneca pra mim, né? E aí meu pai, mesmo sendo um homem muito matuto, não teve muito estudo, e até meio machista, mas ele "não, vamos levar porque ele gosta. Não tem problema não". (P12, R2)

Nos três casos parece haver uma convergência com o que foi dito por Ruvio e Belk (2013) a respeito do consumo servir como integrante do processo de construção da identidade. Nesse contexto, a boneca e o brincar aparecem com as funcionalidades do brinquedo e da brincadeira tanto para o desenvolvimento cognitivo e emocional (Queiroz,

Maciel, & Branco, 2006; Winicott, 1983), na medida em que permite criar enredos lúdicos que estimulam o uso das competências mentais e o manejo dos sentimentos, como também viabilizam para a criança a possibilidade de organizar sua percepção de realidade (Freitas, Nunes, & Machado, 2019), podendo reproduzir na brincadeira a forma como percebe o contexto em que se encontra inserida.

No caso de crianças trans, o brinquedo e o brincar podem ser utilizados ainda como item e espaço propiciadores de liberdade para experimentar o trânsito entre *scripts* de gênero. *Scripts* são conjuntos de expectativas hegemônicas gendradas, ou seja, conjuntos de expectativas inseridas em uma dinâmica cultural que tem o sexo como marcador social, e que orientam padrões impostos às brincadeiras infantis (Dornelles, Serpa, Kruehl, Guazina, & Carlesso, 2019). Assim, pelo que se observa no material destacado, a boneca, mostra-se como item de consumo frequentemente utilizado pela criança para se movimentar em direção à transgressão da expectativa social predominante, embora, ela não necessariamente reconheça que tais expectativas existam.

Interessante destacar também que para P3 e P12 a posse da boneca se deu por um arranjo extraordinário. A primeira referiu-se à boneca de propriedade da irmã; ao passo que a segunda remeteu ao brinquedo da escola que tomou para si após obter a autorização do pai. É comum o fato de que nas duas situações as bonecas não foram originalmente destinadas para as crianças. Esse cenário suscita a compreensão de que o desconhecimento de *scripts* pela criança não deve ser confundido com a ausência de impactos destes no desenvolvimento infantil. Para P3, a desorganização do conjunto de expectativas rendeu-lhe uma memória de brincar associada à frustração por não poder brincar com a boneca e raiva por ser forçada a usar o carrinho. Já P12 remete-se à memória de infância de uma brincadeira solitária, cujo sentido de isolamento era condição para conseguir vivenciar a brincadeira sem ser importunada pelo *script*. Neste sentido, o processo de autenticação do *self* desejado mostra-se construído por um brincar cujos itens de consumo foram hegemonicamente fabricados para um gênero diferente; e por brinquedos, aqui representados pela boneca, cuja posse se configura como evento extraordinário.

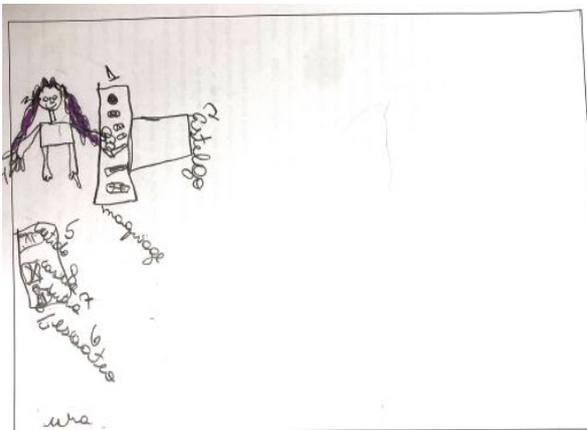
5.3 Extensão paralela do *self*

Por definição, essa estratégia é marcada pela busca por autovalidação e validação social, muitas vezes, levando a representação de múltiplos ‘eus’ estendidos. O processo

de afirmação de gênero leva pessoas trans a criar *selves* estendidos paralelos: um *self* público, socialmente aceitável, de acordo com o gênero atribuído, e um privado, refletindo o *self* desejado.

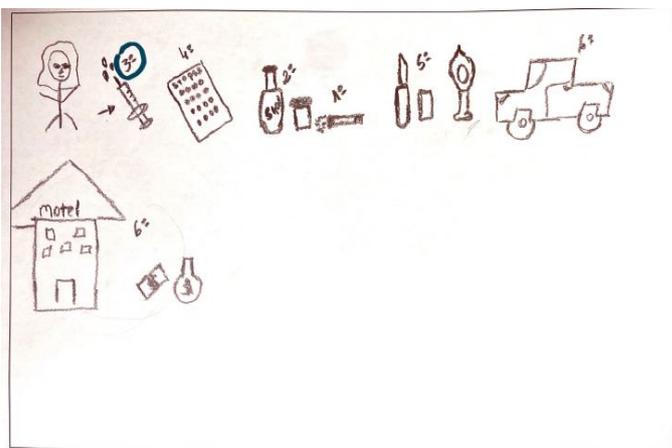
Seis participantes fazem uso dessa estratégia: P2, P7, P9, P11, P18 e P21. Em seus desenhos, de uma forma geral, identificou-se o padrão de registro em que os itens de consumo e posse foram dispostos em paralelo ou no entorno do autorretrato. Tal ordenamento espacial parece indicar as tentativas de organizar limites entre os ‘*selves*’ indesejado e desejado, mantendo os elementos fora do corpo e, ao mesmo tempo, próximos o suficiente para se configurarem como extensão de si. Como exemplo, mostram-se os desenhos de P2 e P7.

Figura 2 - Desenho P2



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P2.

Figura 3 - Desenho P7



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P7.

Ao que se observa, o corpo aparece desenhado de forma mais rudimentar, ao passo que os itens da afirmação de gênero são elaborados com maior detalhamento, sugerindo diferença no tempo e interesse investidos na elaboração do corpo e dos itens. Nesse sentido, pode-se pensar que no manejo dessa estratégia os itens ganham maior importância quando comparados ao corpo destituído deles. Considerando a discussão posta por Ferreira e Pereira (2019), entende-se que consumo e posse de tais elementos tem serventia na administração do estigma, sendo fundamental entender que a valorização do uso e a importância remetida ao item indicam questões relacionadas à vivência de segregação, desigualdade de oportunidades, prejuízos sociais e relacionais que estão relacionadas às disputas ideológicas e narrativas voltadas aos corpos, sexualidades e gêneros.

Além da disposição dos objetos, como aparece no relato da P18, outro item destacável nas falas das participantes é a presença de pessoas ou entidades que possuem agência significativa na estimulação da manutenção do *self* indesejado, evidenciando a necessidade das participantes em desenvolver a estratégia de extensão paralela do *self*. Esses personagens sociais se utilizam, em suas tratativas, de dogmas religiosos e/ou itens de consumo, como os brinquedos ou roupas, para promover a autenticação do *self* indesejado.

Aí pronto. Aí eu falei que era um homossexual, não tinha mais o que esconder. [Minha mãe] meu filho, você tá de mulher, pode estar do que for, mas da porta pra dentro, se dê ao respeito. Então até hoje quando eu vou na casa da minha mãe, eu vou de homem, eu respeito esse lado. (P18, R3)

Diferente da P18 em que a manutenção do *self* paralelo é fortemente influenciada pela agência da mãe, para P11 a autenticação social do *self* indesejado foi feita na infância por membros da família e, na atualidade, por uma entidade religiosa. Pode-se observar as disputas políticas e ideológicas em torno das existências das crianças trans, uma vez que, conforme aponta Novo (2021), existem batalhas relacionadas a tensionar versus resguardar os limites das normas de gênero.

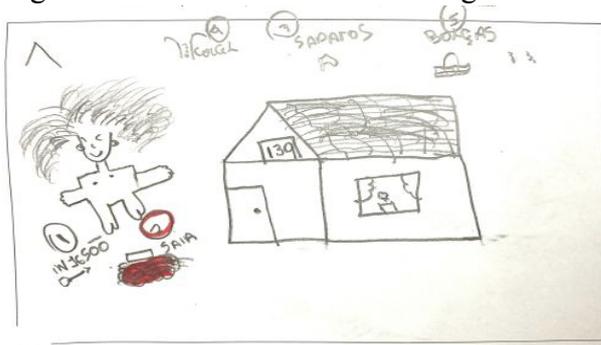


Figura 4 - Desenho P11

Fonte: pesquisa de campo Entrevista P11.

Perante a sociedade, eu posso ser mulher, mas diante de deus eu sempre vou ser um homem. E isso pra sempre eu vou levar, amiga. Desde pequeno mesmo começou. A minha tia já via meus trejeitos, muita das vezes papai também me batia, por causa de muitas coisas... tipo eu fazia... Então isso já veio já de infância, entendeu? Não foi estupro, não foi à força, não foi nada forçado. Foi uma coisa minha mesmo. (...) Meus pais muitas vezes compravam brinquedo pra mim, eu não queria saber daquele brinquedo. Tipo um carrinho, aqueles pequenininho. Um skate, que a mamãe comprou pra mim. Queria só saber das roupas das minhas irmãs. quantas vezes meu pai me pegava na frente do espelho, era porrada na certa. Era couro. (P11, R4)

Para P21 a autenticação do *self* indesejado aparece agenciada pelo familiar e pela comunidade religiosa. Seu desenho manteve o padrão de desenhar os itens em disposição paralela ao autorretrato, contudo, diferente das demais, ela selecionou um item, o vestido, para ser inserido no corpo.

Figura 5 - Desenho P21



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P21.

Com os 13, 14 anos que fui me identificando o que eu queria ser. Na infância, eu era mulher, mas tinha nascido com o órgão genital errado. Me gerava sofrimento, dor, já tentei até tirar, me mutilar. Eu sempre já me vestia de mulher mesmo, aí já começar me vestir, deixar meu cabelo crescer e tirar a sobrancelha, com os 13 anos. Deixei crescer minhas unhas, cabelo, fui tomando hormônio. Comecei com 14 anos a tomar. . . . Eu cheguei perto de ir pra igreja também porque eu tive depressão, queria me matar, queria tirar minha vida e fui falando com meu irmão que me levou pra igreja. Lá eu conheci Jesus e agora eu tentei tirar o hormônio. (P21, R5)

Diferente do que foi observado nos sentidos emergidos nos materiais das outras participantes destacadas, ao desenhar o vestido no corpo, a P21 parece constituir-lo como mecanismo de enfrentamento ao movimento de apagamento do *self* desejado e ao estigma atrelado às mulheres trans. Em situações de aparente antagonismo entre identidades,

segundo Ferreira e Pereira (2020), as pessoas trans podem adotar consumo liminar de vestimentas específicas, cuja posse tem o potencial de criar barreira entre os dois universos identitários e permitir a sustentação da negociação entre eles.

5.4 Extensão do *self* desejado

Na teoria do *self* estendido, o *self* desejado é uma visão positivamente aprimorada do *self* real e um sinal de que os dois estão relacionados, em que pese, segundo Ruvio e Belk (2018), haver um efeito desanimador nessa busca quando o *self* desejado divergir do *self* real. No início da afirmação de gênero, há um período de apresentação pública e busca de validação. Esse processo é relatado como realização pessoal. Porém, quando a resposta social é negativa, pode promover recuo no processo de afirmação.

Seis participantes foram identificadas na utilização dessa estratégia: P6, P10, P13, P15, P16 e P24. Em consonância ao que fora apontado por Ruvio e Belk (2018), o valor da autenticação social externa apareceu nos desenhos como registro gráfico e indicação verbal de pessoas fundamentais na legitimação do eu desejado, como expresso nos desenhos de P6 e P10. São companheiros, familiares e demais membros da comunidade que atuaram como cicerones do *self* desejado no ambiente social externo. A relevância dessas ações e apoio parece ser mensurada pelo espaço dado a essas pessoas nos desenhos, em cujas imagens aparecem expressamente grafadas como extensão e suporte do autorretrato.

Figura 6 - Desenho P6



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P6.

online e das disponibilidades dos avatares do próprio jogo. Assim, observa-se a realidade virtual como elemento de amparo à estratégia do *self* paralelo e como mecanismo de salto para a estratégia seguinte, como ocorreu com a P12.

Eu estava numa fase que eu estava aqui, estava tudo bem, mas estava num exagero de vida, estava bebendo muito, estava de novo numa fuga por alguma coisa que eu também não sabia o que que era, né? E aí começou aquele aplicativo do FaceApp, que todo mundo estava brincando de fazer transição [afirmação] de gênero, né? Homens viravam mulheres nas fotos, e mandavam, brincavam e tudo mais. Eu baixei esse aplicativo e fiquei brincando com as minhas fotos. Só que passou da brincadeira. Quando eu pensei que não eu já tinha mudado todas as minhas fotos. (P12, R7)

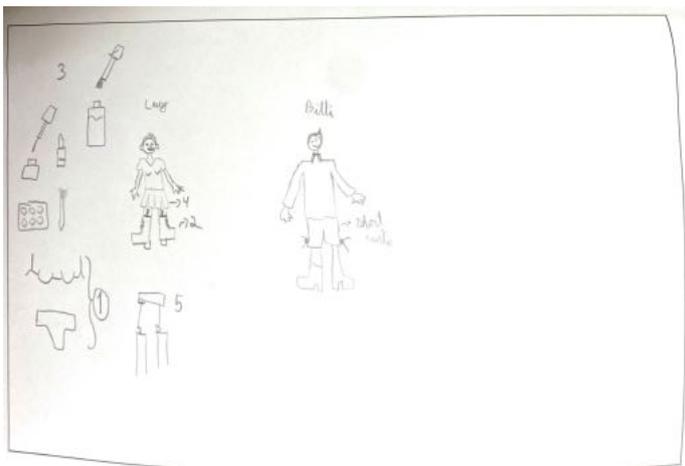


Figura 9 - Desenho P13

Fonte: pesquisa de campo Entrevista P13.

Na adolescência, eu não percebia isso, mas eu fazia muito, eu gostava muito de jogos de imaginação, RPG, aqueles jogos de computador. E sempre que eu tinha essas oportunidades de jogar esses jogos, eu era uma personagem feminina. E inclusive nesses online, que você interage com várias pessoas ao mesmo tempo, eu sempre pedia pros meus amigos, que são meus amigos até hoje, a me tratarem no feminino e fingir que eu era mulher mesmo. . . . Eu comecei a usar calcinha. Que eu até pegava dessa minha ex-esposa, ela me emprestava... ela me deu umas, na verdade, que foi o que me ajudou a segurar de 2014 a 2019. saia, bota, vestidos, sutiã, maquiagem. E basicamente isso. . . . dá uma liberdade. Uma realização, uma leveza. Tipo, foi a primeira vez que eu me olhei e me senti bonita. Tipo, tinha problemas de autoestima, obviamente. E isso sumiu, assim. A gente ainda tem uns problemas, mas é muito diferente. . . . Só que nesse meio tempo aconteceu d'eu me entender melhor em questão de gênero. Entendi essa questão de ser não-binária, entendi essa questão de ser gênero-fluido. E aí inclusive, eu me entendo como duas entidades diferentes, né, que seria agora a catgirl, que é a L. E o femboy, que seria o B. Que no momento ele aparece bem pouco, ainda tem uma relação muito conflituosa entre os dois, pelo visto. Que eu tô trabalhando na psicóloga. (P13, R8)

Como apontado por Belk (2013), com as P12 e P13, personagens criadas na realidade virtual, se relacionaram com as personas *off-line*, transformando a percepção do *self*. Essa experimentação por meio de avatares foi determinante para o reconhecimento

da sua identidade e para tomada de decisão para o início do processo de afirmação de gênero. Em ambos os casos, o *self* é estendido em avatares com os quais as participantes se identificaram, influenciou o comportamento *off-line* e o senso de identidade.

Interessante notar ainda manifestações como a de P15, que considera como instrumento de autenticação externa a validação que os clientes dão ao seu corpo/produto.

Figura 10 - Desenho P15



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P15.

Quem vive da prostituição, é isso. Quanto mais feminina, quanto mais próximo de uma mulher, mais caro ela se torna. E foi por isso que eu resolvi. (P15, R9)

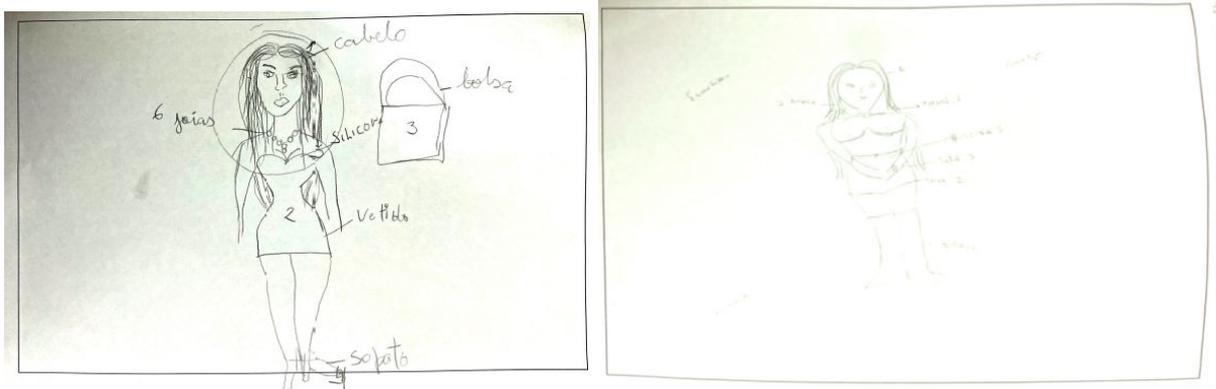
Essa fala abre margem para discutir o consumo e posse relacionado ao trabalho. Em um cenário de ausência de políticas públicas direcionadas ao aumento de oportunidades de trabalho para pessoas trans e travestis, alavancando atuação fora do trabalho sexual, a fala de P15 sugere que o corpo passa a ser o próprio item de posse reformulado a partir do uso de itens consumíveis.

5.5 Metamorfose do *self* central

Em geral, é a estratégia final utilizada e abrange dois processos simultâneos. Um processo de descartar pensamentos, comportamentos e produtos que não se alinhem com a identidade desejada. Nesse descarte são incluídos objetos, roupas e o nome. O segundo passo é a adoção de elementos que sustentam e estendem a nova identidade. Entre as novas adoções são relatados itens de vestuários e acessórios, - que, por vezes, são adquiridos com base nas convenções definidas pela cisgeneridade - transformações corporais, rituais e rotinas de consumo.

Foram identificadas onze participantes neste grupo. Seus desenhos possuem como característica frequente a aparição de acessórios e posses desenhados no autorretrato, compondo-o. Esse movimento se adequa à proposta de que há autenticação interna e externa do *self* desejado. Tome-se como exemplos os casos de P20 e P25.

Figura 11 - Desenhos P20 e P25



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P20 e P25.

Eu me descobri trans aos 5 anos quando eu já começava a não aceitar, via aquilo ali errado e eu meio que sempre tentei esconder. Eu ficava puxando pra ver se arrancava meu órgão genital. Na escola eu não ia no banheiro, nunca fui. Nem criança. Eu . . . sempre brincava com tudo. Com meus brinquedos, eu tinha carrinho, tinha Lego. Brincava com os brinquedos das minhas primas. Aí quando foi de 15 pra 16 anos eu tentei cortar [o órgão genital]. Eu tinha visto o veterinário e tentei cortar e só lembro de eu acordando no hospital. Foi um corte um pouco profundo, mas não chegou a tirar. Como eu recebia, comecei a comprar hormônios com essa idade, 15 pra 16 anos, mas parei. Eu comecei minha transição [afirmação] mesmo com 22 anos, em 2013. Nessa época eu já deixei o cabelo a crescer, eu tenho maquininha pra tirar o pelo e essas coisas, aí meus avós começaram a querer intervir, meus tios começaram a querer intervir pra me impedir. Lembro que nessa época eu saí de BH e fui pra Uberlândia. Lá eu comecei o tratamento porque o ambulatório de lá tava quase igual ao daqui como tá hoje, tava em teste. Eu já tenho laudo dizendo que já estou há 2 anos em tratamento e estou apta pra fazer a cirurgia, eu tive tudo isso em Uberlândia. (P20, R10)

Antigamente, eu pensava em tirar [o órgão sexual] pra ser aceito por outros homens, mas hoje em dia eu vejo que não, eu vejo que não vale a pena. Eu não faria mais porque eu me sinto bem comigo mesmo e não é porque eu sou uma menina que eu tenho que fazer um órgão feminino. Eu acho que a gente tem que se gostar primeiro. Eu não faria por falta de interesse e acho que não vale a pena pra mim, não é o meu ego, porque acho que umas fazem por ego mesmo. (P25, R11)

Em ambos os casos parece haver a predominância dos itens de consumo compatíveis com definições da cisgeneridade, o que corrobora com a perspectiva de adequação ao estereótipo na definição dos interesses de consumo e no enfrentamento ao estigma, conforme apontado por Ferreira e Pereira (2020).

No que diz respeito às transformações corporais, não há unanimidade, como evidencia-se nas falas. Dentre os itens estereotipados de gênero, os brinquedos e o brincar emergiram novamente como objetos de consumo e marcadores do processo. Parecem ser tomados como atesto da legitimação da metamorfose. Exemplificam-se com a fala de P14.

Sim, eu lembro das vezes de brincadeira mesmo que eu ia pra casa das minhas colegas e de costume, quando eu vou na casa delas, a gente sempre lembra que os pais eles costumam

renegar a criança quando é menino e vê ele brincando de bonecas e meus pais nunca me renegaram e isso me dava uma certeza do que eu era, do que eu queria. (P14, R12)

No cenário apresentado pelos desenhos, algo que chamou atenção e se mostrou específico do material das participantes que utilizam essa estratégia é a presença de símbolos, elementos emblemáticos que representam a ideia de metamorfose, pessoas importantes, processos marcantes de autenticação da existência. Embora os itens de consumo e posses continuem aparecendo, não se resume a eles. Tome-se como exemplos os símbolos surgidos nos sentidos expostos por P12, P14 e P17.

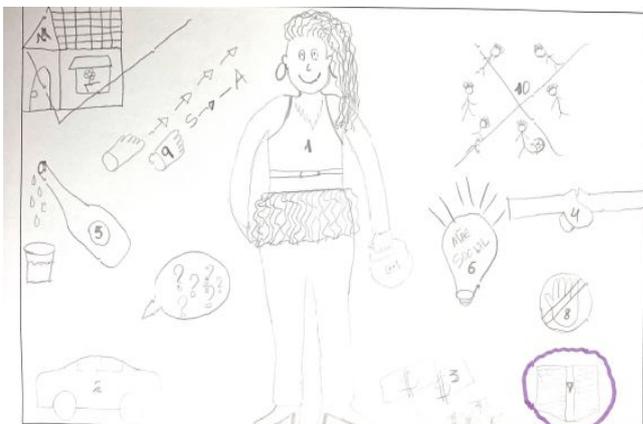
Figura 12 - Desenho P17



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P17.

P17 relata uma história de afirmação de gênero marcada pelo sofrimento causado pelo *self* indesejado, tendo tentado suicídio algumas vezes. Hoje ela é educadora social e atua como ativista. Sua trajetória aparece demarcada na bandeira do movimento trans estampada na blusa, no batom vermelho e nos olhos abertos. A bandeira representa a causa como extensão e suporte do autorretrato.

Figura 13 - Desenho P14



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P14.

E aí eu desenhei uma lâmpada representando minha mãe social que é F. que foi uma pessoa que me trouxe conhecimento sobre as questões LGBTs e eu era muito leiga em relação a isso. (P14, R13)

Figura 14 - Desenho P12



Fonte: pesquisa de campo Entrevista P12.

Porque mais do que características físicas, é uma atitude, é uma questão de social. Então eu já conquistei esse lugar social, as pessoas já me reconhecem como uma mulher, então ser lida como uma mulher me faz . . . "nossa!". Parece até um exagero quando eu falo, mas quando a pessoa te trata direito, com os pronomes, com o nome, você ganhou seu dia, né? Uma pessoa estranha, que não te conhece, te trata assim . . . É só isso! Não vai mudar nada a vida dela, mas a minha muda muito, porque minha autoestima aumenta. Dá um bem estar de poder fazer as coisas, e enfim. É impressionante. (P12, R14)

Os sentidos emergidos nos materiais das participantes que fazem uso da estratégia da metamorfose do *self* central nos remete a um interesse em elementos de consumo e posses que atestem o self desejado como identidade marcada pela luta por sua existência. Neste sentido, observa-se a busca por elementos representativos que comuniquem comportamentos de resistência; que transmitam por analogia a importância das relações de apoio; e que conversem, a partir do conteúdo que sugerem e atestam, com as outras pessoas ao redor.

6 DISCUSSÃO

Neste estudo, argumenta-se a existência de itens regulares de consumo e posses em cada estratégia da Teoria do *Self* Estendido, definidos por Ruvio e Belk (2018), em travestis e mulheres trans em processo de afirmação de gênero. Para tanto, utilizou-se a técnica do desenho-estória com tema e da análise das entrevistas por meio da análise de conteúdo. O quadro 3 sintetiza os padrões de consumo e posses encontrados nos relatos e nos desenhos das entrevistas, sendo essa a contribuição deste estudo:

Quadro 3 - Padrão de consumo e posses em cada estratégia do self estendido entre travestis e mulheres trans

Estratégias do <i>self</i> estendido	O papel das posses	Fonte de validação do <i>self</i>	Padrões de Consumo em cada estratégia
Extensão do <i>self</i> invertido	Extensão e adereços de um <i>self</i> indesejado.	Validação social externa do <i>self</i> indesejado.	Utilização extraordinária e secreta de brinquedos culturalmente relacionados ao <i>self</i> desejado.
Extensão Paralela do <i>Self</i>	Extensão de um <i>self</i> indesejado e suportes para um <i>self</i> desejado. Criação de limites entre <i>selves</i> não relacionados.	Validação social externa do <i>self</i> indesejado e validação interna do <i>self</i> desejado.	Recorrência no consumo e posses de itens gendrados.
Extensão do <i>self</i> desejado	Extensão e suportes de um <i>self</i> desejado, mas ainda não alcançado.	Validação social externa do <i>self</i> desejado.	Objetos e posses associados às pessoas que compõem a rede de apoio.
Metamorfose do <i>self</i> central	Extensão e suportes de um <i>self</i> desejado alcançado.	Validação interna e externa do <i>self</i> desejado.	Consumos e posses de natureza simbólica e metafórica associados ao <i>self</i> desejado.

Em relação à estratégia de extensão do *self* invertido conclui-se que a boneca representa um item de consumo que frequentemente apareceu associado ao trânsito entre os *scripts* de gênero e a construção da identidade feminina. Sua posse se configurou como evento extraordinário, visto que, quando crianças, as participantes não foram consideradas as destinatárias originais do brinquedo. Importante destacar, porém, que não foi identificada participante fazendo uso da estratégia no período de coleta de dados.

No que se refere à estratégia de extensão paralela do *self*, a principal conclusão do estudo foi a constatação de que os itens de consumo e posses - que servem como extensão

de si e configuram o *self* desejado - receberam maior atenção e investimento de tempo quando comparados aos mesmos itens utilizados na elaboração do desenho do corpo que representa o *self* indesejado. Neste sentido, entende-se que para as participantes que utilizam essa estratégia os itens de consumo e posse podem ser objetos de maior interesse e investimento quando comparados ao corpo, sugerindo que o valor atribuído aos mesmos também é composto pelo significado de instrumento de extensão que possuem e pela funcionalidade de servir como dispositivo organizador das *selves*. Tais itens foram tanto de natureza física, como cosméticos ou vestuário, quanto virtual, como avatares e filtros de aplicativo de *smartphones*.

Na estratégia do *self* desejado observou-se significativa apresentação das pessoas apoiadoras do processo de externalização do *self*. Assim, conclui-se que, para pessoas que fazem uso dessa estratégia, os objetos de consumo e posses mostraram-se associados à autenticação social externa, podendo servir como objeto para uso próprio e/ou para manifestar e validar a importância dessa rede de apoio.

Na estratégia de metamorfose do *self* notou-se que os itens de consumo e posse têm a função de compor o autorretrato e são de natureza simbólica, diferindo-se dos demais pela mensagem de trajetória de luta, que transmite.

Este estudo possibilitou, também, conferir a adequação da técnica do Desenho-Estória com Tema para investigações com adultos para construção do *corpus* de pesquisa. Nos materiais analisados, constatou-se que a disposição espacial dos itens dos desenhos foi compatível com as nomenclaturas escolhidas para definir as estratégias de *self*, e os elementos que receberam maior investimento de tempo e detalhamento gráfico coincidiram com aqueles apontados na teoria dos modelos de *self* como essenciais na utilização de cada estratégia. Tais achados permitem a conclusão de que tanto a técnica quanto o método de análise podem ser utilizados por pesquisadores da área do consumo como dispositivos de investigação em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. H. N. (2021). Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. *Nature: Sci Rep*, 11, 2240. Recuperado de <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4>.
- Belk, R. W. (1988). Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15, (2), 139–168, September 1988. Recuperado de <https://doi.org/10.1086/209154>.
- Belk, R. W. (1989). Extended Self and Extending Paradigmatic Perspective. *Journal of Consumer Research*, 16(1), 129-132 (4 pages). (Jun., 1989). Oxford University Press.
- Belk, R. W. (2013). Extended self in a digital world. *Journal of Consumer Research*, 40(3), 477–500, October 2013. Recuperado de <https://doi.org/10.1086/671052>.
- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2021). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE.
- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 236 p.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, M., & Carrara, S. (2013). Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sex., Salud Soc.*, 14. Rio de Janeiro. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200015>.
- Dornelles, F., Serpa, L. P., Kruehl, C. S., Guazina, F. M. N., & Carlesso, J. P. P. (2019). Transsexualidade: o brincar relacionado à identidade de gênero. *Research, Society and Development*, 8(5), 01-12.
- Ferreira, M., & Pereira, S. (2019). Construção do Eu: Uma análise interpretativa do consumo liminar de mulheres transexuais. *XLIII Encontro da ANPAD*. www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjY2MTk=
- Ferreira, M. S., Pereira, & Severino, J. N. (2020). Estigma da mulher transexual e as consequências para o consumo. *Brazilian Journal of Marketing (BJM)*, 19(4). Recuperado de <https://doi.org/10.5585/remark.v19i4.14671>
- Freitas, A. R. M., Nunes, L., & Machado, G. M. A. (2019). Importância do brincar no contexto familiar: revisão sistemática da literatura. *Revista Psicologia & Saberes*, 8(13).
- Hollebeek, L. D., & Belk, R. (2021). Consumers' technology-facilitated brand engagement and wellbeing: Positivist TAM/PERMA- vs. Consumer Culture Theory perspectives. *International Journal of Research in Marketing*, 38(2), 387-401, June 2021.

- James, W. (1990). *The principles of psychology*. Oxford, England: Dover. (Trabalho original publicado em 1890).
- Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Goiânia: Ser-Tão. Recuperado de <https://www.sertao.ufg.br/n/42117-orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-termos>.
- Jesus, J. G. (2013). Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.
- Jung, C. G. (2011). *A natureza da psique*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 522 p.
- Macedo, L., & Silveira, A. (2012). Self: um conceito em desenvolvimento. *Revista Paidéia*, 22(52), 281-289. doi:10.1590/S0103-863X2012000200014.
- Mardon, R., & Belk, R. (2018). Materializing digital collecting: an extended view of digital materiality. *Marketing Theory*, 18(4), 543–570. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1470593118767725>
- Novo, A. L. Costa. (2021). Mãe, Maria *nunca* existiu! Me chama de João? Uma análise etnográfica das relações de família e medicalização nas experiências de “crianças trans”. *Horiz. Antropol*, 27 (60), May-Aug 2021. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200011>.
- Queiroz, N. L. N., Maciel, D. A., & Branco, A. U. (2006). Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Pesquisas Teóricas*, 16(34). Ribeirão Preto: Paidéia. Ago 2006. Recieradp de <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000200005>
- Rocha, R., Veloso, A., Rossini, G., Collalto, B., Lopes, L., Batista, G., & Falcão, R. (2021). The consumption experience of transgender consumers in the intimate apparel retail. *Proceedings of the European Marketing Academy*, 50th.
- Rogers, C. J., & Hartb, R. (2021). Home and the extended-self: Exploring associations between clutter and wellbeing. *Journal of Environmental Psychology*, 73, February 2021, 101553, ISSN 0272-4944. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2021.101553>.
- Roux, D., & Belk, R. (2019). The body as (another) place: producing embodied heterotopias through tattooing. *Journal of Consumer Research*, 46, (3), 483–507, October 2019. Recuperado de <https://doi.org/10.1093/jcr/ucy081>.
- Ruvio, A., & Belk, R. (2011). Conflicting selves and the role of possessions: exploring transgenders' self-identity conflict. In *NA - Advances in Consumer Research*, 38. (eds. D. W. Dahl, G. V. Johar, & S. M. J. V., trads.). Osselaer, Duluth, MN: Association for Consumer Research.
- Schweitzer, F., Belk, R., Jordan, W., & Ortner, M. (2019). Servant, friend or master? The relationships users build with voice-controlled smart devices. *Journal of Marketing Management*, 35, (7-8), 693-715. doi: 10.1080/0267257X.2019.1596970

- Scott, J. W. (1990). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. (SOS: Corpo e Cidadania, trad.). Recife.
- Song, S., Gonzalez-Jimenez, H., & Belk, R. W. (2021). Extending Diderot unities: How cosmetic surgery changes consumption. *Psychol Mark*, 38, 745– 758. Recuperado de <https://doi.org/10.1002/mar.21463>.
- Spizzirri, G., Eufrásio, R., Lima, M. C. P., Nunes, H. R. C., Kreukels, B., Steensma, T., &
- Tardivo, L. S. L. C. (2008). *Conceituação e aprendizagem do psicodiagnóstico interventivo: relato de experiência no Instituto de Psicologia da USP*. Apoiar: novas propostas em psicologia clínica. São Paulo: Sarvier.
- Trinca, W. (2020). *Formas lúdicas de investigação em psicologia: procedimentos de desenhos-estórias e procedimentos de desenhos de família com estórias*. São Paulo: Vetor.
- Vigotski, L. S., Luria, A. R., & Leontiev, A. N. (1998). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, SP: Ícone.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.